

# Huno contra todos: o efeito Átila

04 DEZ 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

GILMAR CARNEIRO



Num livro que está tendo sucesso na França — *Capitalisme contre Capitalisme*, de Michel Albert —, o autor procura desvendar o que substituirá a bipolaridade entre capitalismo e comunismo, após o desabamento dos regimes baseados no sistema soviético. Ele conclui que uma nova contradição já está dominando o mundo, a do capitalismo estilo texano versus capitalismo renano (em referência ao Rio Reno, região industrial da Alemanha). Dois estilos de capitalismo, um baseado no curto prazo, no lucro rápido, no reinado absoluto do mercado, vigente nos Estados Unidos e Grã-Bretanha; o outro, visando o longo prazo, compatível com uma certa proteção social e do poder aquisitivo dos assalariados, em que o Estado mantém um papel regulador do mercado e os impostos financiam a educação, a formação profissional, a saúde, etc. Este representado pelos países ricos da Europa e do Japão. Curiosamente, segundo o autor, o estilo cowboy, não só resulta dano para os trabalhadores desses países, como é incapaz de responder à altura à feroz concorrência internacional. O Japão, a Alemanha e, em geral, os países europeus estão em melhores condições que os anglo-saxões para a briga que se está desenvolvendo pelo mercado mundial, conclui Michel Albert.

E nós, onde entramos nessa disputa? Segundo Michel Albert, nós, brasileiros, estamos

fora dessas categorias, assim como a maioria dos países africanos, do Sudeste Asiático ou da América Latina.

Mas, se o Brasil não pertence nem a um nem a outro dos campos em disputa, ele tem, por escolha de seus governantes, começado a copiar as receitas dos texanos sem nenhum das qualidades que fazem dos Estados Unidos a primeira potência do planeta. De sorte que só seus flagelos estão prosperando assustadoramente. Enquanto os Estados Unidos possuem 17% de pobres (considerados assim os que ganham menos da metade da renda per capita do país), nós chegamos a 80% de paupérrimos. Enquanto eles deixam uma de cada cinco crianças sem proteção de saúde, nós simplesmente as deixamos nas ruas sem proteção nenhuma.

Mas em alguma coisa nós acabamos contribuindo criativamente para o florescimento do sistema texano de enriquecimento rápido. Refiro-me às vendas das empresas estatais, pelo procedimento que as arremata por um terço de seu valor (graças à utilização de papéis pelo valor de face, cotados a 30% no mercado).

Dois passos à nossa frente, o governo argentino acaba de inovar na matéria e agora vende as estatais em dois tempos: no primeiro, os compradores se apropriam do poder de dirigir a empresa, pagando 30% de seu valor (o que, utilizando papéis "podres", significa pagar 30% desses 30%). Saneado o restante da empresa, seria vendido em bolsa de valores. A "vantagem" é evidente, pois se requer menos cash para se apropriar da estatal e se eliminam as restrições ao capital estrangeiro para adquirir essas empresas.

Seguramente, o governo Collor não tardará em introduzir a invenção argentina, depois que se tenham esgotado os recursos dos diversos fundos de previdência controlados pelos amigos do presidente. Aliás, é surpreendente que poucas vozes tenham protestado contra essa prática, que aliena a aposentadoria de milhares de funcionários públicos, desvia seus recursos para operações financeiras duvidosas e pode levar à falência rápida o sistema complementar de aposentadoria. Lembremos que, graças a trambiqueiros como esses, o Funcionários, da Caixa Econômica Federal, tem hoje um rombo de US\$ 965 milhões, o fundo de pensão da Cosipa tem um buraco de US\$ 260 milhões, e assim por diante.

As consequências a longo prazo dos desmandos collor-

dos são difíceis de avaliar. Mas as consequências do neoliberalismo já estão produzindo até novos tipos humanos em nosso país, nômadas que vivem em cavernas e comem lixo, milhões de andarilhos que não têm mais de dez anos de idade, multidões de iletrados e doentes, drogados e viciados diversos, assim como a fuga em massa para o Exterior dos que não vêem futuro nesta terra arrasada.

A continuarem as coisas como estão, estaremos participando de uma terceira forma de capitalismo, nem texano nem renano, mas canibesco. Sem capital, sem trabalho, e só com bárbaros. Assim Collor será nosso Átila.

Nestas circunstâncias, procurar um entendimento da sociedade civil para encontrar uma saída do atoleiro em que nos meteram, questionando a legitimidade de continuar no caminho da destruição do Brasil, constitui um ato democrático indispensável. Antecipar o plebiscito e introduzir, logo após eleições gerais, o parlamentarismo não vai magicamente resolver todos os problemas, mas seguramente será um primeiro passo no caminho necessário de reconstrução nacional. O segundo passo consiste em medidas energéticas que resgatem o futuro de nosso povo, melhorando seu salário, o sistema de saúde, sua aposentadoria, a educação e seu direito ao trabalho, fazendo com que o esforço recaia sobre os que mais possuem e pouco compartilham do sacrifício da maioria. Para nós, trata-se da única opção Brasil que pode dar certo.



■ Gilmar Carneiro, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, é secretário-geral da CUT.